



# Cessar FOGGO!

Um pára-quedista inglês, um soldado argentino. Vinte anos depois, um encontro talvez ofereça a solução por que ambos anseiam. | POR DAVID MOLLER



**A** PESAR DOS DEZ ANOS de vida militar, Les Standish sentia medo. Inquieto, no Aeroporto de Heathrow, em Londres, no dia 6 de novembro de 2002, ele sabia que em poucos minutos defrontaria uma parte de seu passado. No vôo vindo de Buenos Aires havia um homem que ele não conhecia, mas cuja vida, assim como a sua, fora dramaticamente transformada por fatos ocorridos 20 anos antes.

Standish segurava uma fotografia do argentino: ombros mais largos do que os seus, olhos castanhos e cálidos.

Quando os passageiros surgiram, Standish avistou um homem alto avançando em meio à multidão. Sustentou o olhar do desconhecido até que o homem se encontrasse bem diante dele. No cabelo castanho agora se entremevam fios cinza. Finalmente, ali estava Alejandro Videla.

“Como vai?”, perguntou Videla, em inglês. Standish sorriu, estendeu os braços e, durante um longo tempo, os dois se abraçaram.

ELES NÃO SE CONHECERAM quando seus caminhos se cruzaram pela primeira vez. Les Standish, 21 anos, era cabo do 2º Regimento Britânico de Pára-Quedistas, no inferno barulhento de metralhadoras, morteiros, foguetes e fogos de artilharia numa ilha do Atlântico Sul.

A batalha de Goose Green, em maio de 1982, durou 48 horas, com o 2º Regimento imobilizado por atiradores de elite argentinos, nas montanhas sem vegetação acima do local onde os habitantes das Ilhas Malvinas eram mantidos em cativeiro.

Standish e seu grupo de oito homens estavam encurralados numa vertente, quase sem munição. Por fim, com os outros oferecendo cobertura, Standish sinalizou para que um homem avançasse e recolhesse a munição de um colega caído.

Steve Illingsworth, 19 anos, havia alcançado a munição e estava retornando quando uma bala atravessou-lhe a nuca. Durante oito horas, Standish e os outros ficaram deitados no chão, expostos ao vento e à chuva, olhando aquele corpo. Qualquer movimento deles provocava uma saraijada de tiros. Mais tarde, quando um dos soldados foi atingido na perna, Standish carregou o pára-quedista de 80 quilos para um lugar seguro, atravessando 200 metros sob fogo inimigo, ato pelo qual foi condecorado.

Quando o 2º Regimento libertou Goose Green, Standish havia matado nove inimigos e perdido seu comandante e 14 companheiros. Os argentinos perderam 55 homens. Les Standish não dormia nem comia havia dois dias.

**A**

LEJANDRO Videla era um dos 1.300 soldados argentinos que se renderam em Goose Green. O assustado adolescente de 19 anos viu o cansaço no rosto de seus captores, escurecidos pela cordite.

Videla tivera uma campanha infeliz. Convocado no norte subtropical da Argentina, fora enviado às Malvinas despreparado para o clima. Passou um mês molhado, com frio e fome. Como prisioneiros de guerra, ele e os companheiros receberam comida quente e roupas limpas. Mas antes tiveram de recolher seus mortos e desmontar as minas não detonadas. Videla estava a alguns metros de distância quando um desses engenhos explodiu, matando um companheiro e deixando-o salpicado com a carne e o sangue do soldado.

De volta à sua cidade natal, Vendo Tuerto, Videla teve dificuldade em se readaptar. Mas acabou se casando com a professora Alejandra Illari e conseguindo emprego como professor de filosofia, sociologia e economia numa faculdade.

Às vezes, quando assistia a uma partida do River Plate, seu time de futebol, os foguetes e fogos de artifi-

cio que a torcida soltava reproduziam o estrondo dos aviões Sea Harriers ingleses que bombardeavam Goose Green. Imediatamente Videla era transportado de volta ao cenário de lama, fumaça, chuva, balas traçadoras e cheiro de cordite.

Durante quase dez anos após a campanha, o governo argentino impediu os veteranos de falar sobre a guerra. “Era como se o episódio das Malvinas não tivesse acontecido”, disse Videla. Ele só podia conversar sobre o assunto com quem também havia lutado. Meia dúzia de homens começou a se reunir para desfiar suas lembranças.

PARA LES STANDISH, os *flashbacks* começaram dez anos depois da guerra. Ao deixar o Exército, ele entrou para o serviço penitenciário. Um dia estava andando na rua quando o mo-

Standish sofreu um colapso nervoso. Com a ajuda de um psiquiatra, reviveu todos os acontecimentos para descrevê-los e depois guardá-los numa parte mais acessível da mente. Aos poucos, aceitou o fato de que mesmo homens condecorados pela bravura às vezes precisam de ajuda. Não era mancha em sua honra.

ALEJANDRO VIDELA não recebia nenhum apoio semelhante. Apesar das alegrias trazidas por Alejandra e pelos três filhos do casal, os problemas não o deixavam. Bebia muito e ficava acordado até tarde com os amigos, deitando-se apenas quando já não agüentava mais de cansaço. Mesmo assim vinham os sonhos. O barulho do Sea Harrier. Aquele soldado ferido, gritando. Imagens mentais eram tudo que Videla tinha da guerra. Ansiava por lembranças con-

**“Ficar cara a cara com alguém que tentei matar 20 anos antes me ajudou a deixar para trás alguns demônios.”**

tor de um carro se transformou no disparo de um rifle. Mais uma vez, viu-se deitado no solo da ilha, fitando o cadáver ensangüentado de Steve Illingsworth. *Fui eu que ordenei a Steve que avançasse.*

Surgiam então os argentinos que ele havia matado. Rostos que mal registrara no caos da batalha. Às vezes, um relance de olhos apavorados. As imagens o perseguiram.

cretas. Um amigo havia fotografado quatro rolos de filme, mas eles foram confiscados após a rendição.

Em outubro de 2001, Videla entrou num site chamado Britain’s Small Wars. Usando uma ferramenta de tradução da Internet para passar suas perguntas do espanhol para o inglês, digitou: “Existe aí algum membro do Regimento de Pára-quedistas que tenha lutado em Goose Green?”

Em poucos dias, recebia um *e-mail*: “Estive em Goose Green. Era cabo do Regimento de Pára-Quedistas.” Videla ficou assombrado.

A mensagem estava assinada por Les Standish, que agora vivia numa cidadezinha próxima a Bolton, Lancashire, trabalhando como professor de ginástica e natação.

Videla respondeu de imediato. “Você tem alguma fotografia ou filme de Goose Green?” Standish conseguiu um vídeo da BBC, que enviou a Videla.

Pouco depois Les Standish recebia um envelope grosso. Dentro, havia uma carta e fotos de Videla e seus três filhos. “Agora sou professor na Escola de Educação Técnica”, escrevia ele. “Minha mulher leciona numa escola primária.”

Standish respondeu novamente. Estava para se casar pela segunda vez, com uma mulher chamada Rachel, que adestrava cães-guia para cegos. Les tinha dois filhos e logo ganharia dois enteados.

À medida que a correspondência prosseguia, os homens falavam da paixão pelo futebol, de seus gostos musicais, dos amigos que haviam perdido na campanha.

Standish contou a Videla sobre o trabalho que vinha realizando na South Atlantic Medal Association, organização de veteranos da guerra. “Isso ajuda a sarar feridas psicológicas”, explicou. “O número de veteranos da Guerra das Malvinas que cometeu suicídio é maior do que os 255 soldados britânicos mortos em ação.”

“Temos um problema parecido”, respondeu Videla. Ele disse que adoraria ver o trabalho feito pela associação.

Um *e-mail* o deixou perplexo. “Você gosta de cerveja?”, perguntou Standish.

“Gosto”, respondeu Videla.

“Então por que não vem à Inglaterra tomar uma cerveja comigo?”

“Não tenho dinheiro. Não posso arcar com a viagem.”

“Deixe isso por minha conta”, afirmou Standish.

Em alguns meses, ele levantou capital por meios próprios e por intermédio de instituições militares de caridade. Videla e a mulher embarcaram para a Inglaterra.

**E**M BOLTON, os dois homens foram recebidos pelo prefeito. Les Standish havia contratado um intérprete e organizado um roteiro de dez dias para Videla, que incluía o Museu Imperial da Guerra, em Manchester, e encontros com veteranos das Malvinas. Também deram palestras nas escolas, para adolescentes, contando sobre a guerra e suas conseqüências.

– Você voltaria ao Exército? – perguntou um professor.

– Voltaria – respondeu Standish.

Ele não concebia um mundo onde as nações civilizadas não precisassem de forças de defesa.

Não houve pausa na conversa entre eles. Les Standish descobriu que sua companhia atacara exatamente as



**Alejandro (à esquerda) e Les brindam à amizade nascida no conflito.**

---

trincheiras que a companhia de Videla ocupava em Goose Green.

Videla falou sobre o episódio em que foi salpicado pelo sangue de um companheiro. “Fui um dos que tentaram ajudá-lo no posto de primeiros socorros”, lembrou Standish.

Videla contou que, três dias depois de ser capturado, foi embarcado numa balsa para ser repatriado em Montevideu. “Eu também estava a bordo!”, exclamou Standish. Tendo ferido o pé, ficara encarregado dos prisioneiros. Aquilo era incrível. Os dois haviam estado lado a lado.

Les levou Alejandro a um hospital no norte do País de Gales que oferece auxílio psiquiátrico a veteranos de guerra. “Não temos nada assim no meu país”, admirou-se Videla.

No Dia do Armistício, os amigos puseram uma grinalda no pequeno monumento fúnebre em frente à

prefeitura de Bolton. Enquanto faziam silêncio, refletiam sobre o fato de que algo não fora dito: um pedido tácito de perdão.

“Ficar cara a cara com alguém que tentei matar 20 anos antes me ajudou a deixar para trás alguns dos demônios que me atormentavam”, admitiu Les Standish.

Uma noite, os Videlas prepararam um jantar especial na casa dos Standishes. Com as taças cheias do maravilhoso vinho tinto argentino que os Videlas haviam levado, ergueram primeiro um brinde aos pára-quedistas: “Boa comida, bons amigos, poucos seguros.” Em seguida Alejandro, enfim capaz de deixar algumas lembranças no passado, ergueu a taça: “Saúde aos ex-combatentes da Inglaterra e da Argentina, e um futuro digno para nós e nossos filhos.”

---

*Ao voltar à Argentina, Alejandro Videla começou a organizar uma rede de apoio aos colegas veteranos.* ■